



SIMPÓSIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA

Livro de Atas

VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia

Organizadores

Anabela Pereira, Manuela Calheiros, Paula Vagos, Inês Direito, Sara Monteiro,
Carlos Fernandes da Silva, & Ana Allen Gomes

Editor: Associação Portuguesa de Psicologia

ISBN: 978-989-96606-1-8

“Desde que eles não mostrem”: perspectivas de professores/as sobre orientação sexual e identidades LGBT

Maria Madalena Melo¹ & Paulo Pelixo

Departamento de Psicologia, Universidade de Évora

Resumo: Este estudo tem como principal objetivo compreender a complexidade da expressão de preconceitos por parte de professores/as em relação a gays e lésbicas, área em que a investigação parece ser limitada. Neste sentido, procurámos avaliar esta questão com recurso a uma amostra de 204 professores/as de 13 escolas públicas do Distrito de Évora.

Na realização deste trabalho, foram aplicados três instrumentos: questionário de caracterização sociodemográfica, Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009) e a subescala do Heterossexismo Moderno da Escala Multidimensional de Atitudes em relação a Gays e Lésbicas (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012).

Os principais resultados encontrados sugerem que o sexo, idade, posicionamentos político e religioso dos/as participantes se encontram relacionados com a expressão de preconceitos em relação a gays e lésbicas.

Palavras-chave: LGBT; homofobia; heterossexismo; preconceitos multidimensionais.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, temos assistido a um interesse crescente pela temática LGBT (Jones & Hill, 2002). Em alguns países têm inclusivamente sido realizadas mudanças legais com objetivos relacionados com a diminuição da discriminação baseada na orientação sexual e/ou na identidade de género (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010). No entanto, e apesar de parecer existir uma maior tolerância por parte da população heterossexual relativamente aos direitos da população LGBT (Poeschl, Venâncio & Costa, 2012), pessoas LGBT continuam a ser discriminadas, sendo-lhes negado o acesso a direitos e instituições (Costa et al., 2010), sobretudo quando não se comportam de acordo com o papel social de género associado ao seu sexo biológico e não se enquadram em relações duradouras, românticas, monogâmicas e de comprometimento afetivo (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010).

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, os preconceitos em relação a pessoas LGBT têm vindo a transformar-se pois a consciência e os valores sociopolíticos contemporâneos sancionam a discriminação aberta. No entanto, a investigação mostra que o preconceito relativamente a pessoas não heterossexuais não diminuiu. Tornou-se mais ambíguo e nebuloso, pautado por discursos claramente marcados pela desejabilidade social, sendo mais difícil de identificar e de reconhecer (Massey, 2009; Sue, 2010). Enquanto as manifestações mais tradicionais de preconceito anti-gay/lésbico são explícitas e envolvem objeções morais clássicas que desaprovam a homossexualidade e a concetualizam como pecado ou perversão (Costa et al., 2010; Massey, 2009; Poeschl, Venâncio & Costa, 2012), as manifestações modernas de preconceito são implícitas e caracterizam-se pela oposição a políticas sociais que têm como objetivo a promoção de igualdade intergrupos, pela negação do preconceito e da discriminação e pela atribuição de eventuais diferenças no tratamento a características específicas do grupo minoritário (Poeschl, Venâncio & Costa, 2012; Whitley & Kite, 2010). A investigação tem vindo a mostrar que pessoas heterossexuais exibem níveis mais elevados de preconceitos implícitos do que explícitos, apesar dos dois parecerem estar correlacionados (Poeschl, Venâncio & Costa, 2012).

Uma vez que nenhuma pessoa é imune a enviesamentos sociais, e que todos/as estão expostos/as a processos de condicionamento social, aos quais estão associados

preconceitos, estereótipos e crenças que não são conscientes, estas pessoas podem defender valores relacionados com a igualdade, mas a nível inconsciente, podem apresentar valores pró-maioria ou anti-minoria (Massey, 2009; Sue, 2010; Whitley & Kite, 2010). Na literatura, estas pessoas são designadas como opressores inconscientes não intencionais (Sue, 2010; Whitley & Kine, 2010).

O preconceito anti-gay/lésbico tem vindo a ser concetualizado quer na investigação científica, quer nos discursos populares (Perrin, 2002) enquanto homofobia, e apesar do aparecimento de outros termos e conceitos, continua a ser um dos mais utilizados (Ahmad & Bhugra, 2010; Herek, 2007). A homofobia pode ser definida enquanto medo irracional à homossexualidade (Morrow, 2006), de ser gay ou lésbica e de um "contágio" homossexual (Sue, 2010) e também como intolerância a desvios à norma heterossexual. Alguns autores referem também que o termo pode também indicar preconceitos anti-homossexuais e caracterizar emoções, atitudes e comportamentos negativos em relação a pessoas LGBT (Ritter & Terndrup, 2002).

Apesar de ser amplamente utilizado, pelo facto do conceito homofobia não ser consensual (Fish, 2006), este tem vindo a ser progressivamente substituído pela noção de heterossexismo. Contrariamente à homofobia que descreve o preconceito em relação a lésbicas e a gays, o termo heterossexismo é relativo ao preconceito em relação a todas as pessoas não heterossexuais (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010; Morrow, 2006), e implica uma análise da marginalização e da discriminação, permitindo recorrer a explicações sociais para estes fenómenos (Oliveira, 2010). O heterossexismo é assim um sistema de valores que considera a heterossexualidade enquanto única forma adequada de amor e sexualidade, desvalorizando a homossexualidade e símbolos e estilos de vida supostamente não heterossexuais (Davies, 2003; Elze, 2006; Oliveira, 2010; Sue, 2010; Whitley & Kite, 2010). O heterossexismo é assim um conjunto de crenças e valores que regulam as identidades de género e as normas de atracção sexual que defendem que é desejável ser heterossexual e que todas as pessoas são heterossexuais (Herek, 2007; Sue, 2010). A organização das instituições sociais segundo pressupostos heterossexistas assegura a limitação de oportunidades sociais a pessoas não heterossexuais (Herek, 2009; McGhee, 2001), que são assim considerados indesejáveis e desviantes, e por isso sujeitos a discriminação explícita e deliberada, à invisibilidade, à sub-representação e ao não reconhecimento (Hargaden & Llewellyn, 2003; Herek, Chopp & Strohl, 2006; Sue, 2010).

Os pressupostos heterossexistas impõem-se às minorias sexuais de todas as idades e backgrounds culturais, tendo um impacto significativo no desenvolvimento psicossocial, vocacional e espiritual de pessoas LGBT. É socialmente esperado que as crianças cresçam heterossexuais e que se acomodem a papéis de género bem definidos e complementares aos papéis de género do sexo oposto (Rotheram-Borus & Langabeer, 2001). Estas mensagens são passadas pelos vários agentes sociais, nomeadamente, a família, os pares e o sistema educativo (Marinucci, 2010; Russell & Bohan, 1999; Sue, 2010; Ritter & Terndrup, 2002).

Muitas vezes a escola torna-se um contexto de vitimização, sendo que os/as jovens LGBT encontram pouco suporte junto de pessoal docente e não docente, bem como por parte das direções dessas mesmas escolas (António, Pinto, Pereira, Farcas & Moleiro, 2012; Rivers, 2000; Rivers & D'Augelli, 2001). A investigação mostra que alguns/algumas professores/as, através de atitudes e percepções, assim como falta de consciência dos seus valores e crenças heterossexistas, poderão ser cúmplices de situações de preconceito, marginalização e violência (Zack, 2010).

Uma vez que muitos estudos nas áreas da Saúde, Educação, Emprego, Legislação e Serviço Social indicam a dificuldade em definir e aceder à discriminação que ocorre através de enviesamentos implícitos (Sue, 2010), este estudo pretende compreender a expressão de preconceitos em relação a lésbicas e gays por parte de professores/as. Estes/as pelo seu papel educativo e por lidarem com crianças e jovens que se encontram não só, em pleno processo de construção de opiniões, mas também eles/elas próprios/as a descobrirem e a

construírem as suas identidades sociais e sexuais, poderão ter um papel muito importante na desmistificação de crenças, estereótipos e preconceitos em relação a pessoas LGBT e poderão também constituir figuras de referência para jovens não heterossexuais, contribuindo para quebrar ciclos de preconceito, discriminação e violência.

METODOLOGIA

Neste estudo recorreu-se a uma amostra de conveniência composta por 228 professores/as de escolas públicas de segundo e terceiro ciclo do ensino básico e do ensino secundário do Distrito de Évora.

Dos 228 questionários recolhidos, foram anulados 24 por apresentarem omissões de resposta superiores a 20% do questionário utilizado. Assim foram considerados nesta investigação, 204 professores/as (N=204), dos quais 53 (26.0%) afirmam pertencer ao sexo masculino, 144 (70.6%) afirmam ser do sexo feminino e 7 (3.4%) não respondem.

Relativamente às idades dos/as participantes, 71 professores/as (34.8%) têm até 39 anos, 55 professores/as (27.0%) têm entre 40 e 45 anos e 78 professores (38.2%) têm mais de 45 anos, sendo que a média de idades dos/as participantes é 42.6 anos.

Relativamente ao nível de ensino lecionado, 68 pessoas (33.2%) lecionam no 2º ciclo do Ensino Básico, 82 participantes (40%) lecionam nos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico e 46 pessoas (22.4%) lecionam no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Nos questionários recolhidos, 8 pessoas (4.4%) não identificam o nível de ensino que lecionam.

Relativamente ao posicionamento político/ideológico, 46 pessoas (22.5%) afirmam ter uma ideologia de Esquerda, 105 participantes (51.5%) dizem ter uma posição política de Centro e 25 pessoas (12.3%) afirmam-se de ideologia de Direita. Nos questionários recolhidos e validados, 28 pessoas (13.7%) omitiram o seu posicionamento político.

Em relação à religiosidade dos participantes, 57 pessoas (27.9%) afirmaram ser pouco ou nada religiosas, 101 pessoas (49.5%) afirmaram ser moderadamente religiosas e 35 pessoas (17.2%) afirmaram ser muito religiosas. Em 11 questionários (5.4%), os participantes omitiram o seu posicionamento em relação às suas religiosidades.

De forma a aceder a manifestações modernas e pós-modernas do preconceito, optámos por utilizar uma abordagem psicométrica capaz de captar a complexidade emergente de discursos sociais e políticos sobre as minorias sexuais (Massey, 2009), e uma a maior complexidade em termos de atitudes individuais face a não heterossexuais (Costa et al., 2010).

Assim, foram utilizados os seguintes instrumentos, apresentados aos/às participantes sob a designação de Questionário de Opiniões sobre Orientação Sexual:

1) Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo – Lésbicas e Gays (Massey, 2009)

Este questionário foi escolhido pelas suas qualidades psicométricas e pela possibilidade de aceder a manifestações tradicionais e modernas de heterossexismo (Massey, 2009), tendo sido utilizada a versão traduzida e adaptada por Costa e colaboradores (2010).

Este questionário parte do princípio de que o preconceito sexual é melhor representado através de um modelo multidimensional pois a investigação tem demonstrado que medidas unidimensionais que se centram na dimensão hostilidade/tolerância apenas explicam parcialmente o preconceito relativamente a pessoas LGBT (Costa et al., 2010).

No estudo original (Massey, 2009) e também na adaptação portuguesa (Costa et al., 2010), este questionário é composto por 71 itens que se dividem em 7 fatores, dos quais apresentamos uma breve explicação concetual: Heterossexismo tradicional: noções tradicionais que consideram a homossexualidade imoral, pecado ou perversão, o que justifica que alguns direitos e privilégios devem ser negados a pessoas homossexuais;

Tendência para negar a discriminação contínua: negação da existência de discriminação em função da orientação sexual, partindo do pressuposto que pessoas gay e lésbicas têm iguais oportunidades de progresso o que torna as suas reivindicações igualitárias injustificáveis; Aversão em relação a pessoas gay e Aversão em relação a pessoas lésbicas: reações afetivas negativas, necessidade de evitar contacto e desconforto com o mesmo, bem como críticas à performatividade de género destas pessoas; Julgamentos de valor do movimento gay/lésbico: valores pró-diversidade que consideram que os objetivos e metas do movimento LGBT melhoram a sociedade, e que a homossexualidade representa uma qualidade especial que deveria ser encorajada; Resistência à heteronormatividade: sentimentos de desconforto em relação à heteronormatividade, bem como necessidade de resistir a papéis e comportamentos sexuais e de género estereotipados e tradicionais, partindo do princípio de que sexo e género não são sistemas binários; consciência e desconforto em relação aos privilégios que são dados a pessoas heterossexuais; Adesão a crenças positivas acerca de pessoas homossexuais: crenças relativas a características únicas e positivas que derivam do facto de ser gay ou lésbica.

2) Sub-escala do Heterossexismo Moderno da Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e Gays (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012)

Uma vez que para além do heterossexismo tradicional, as pessoas podem expressar preconceito de formas mais subtis, definidas como heterossexismo moderno (como exemplos encontram-se o não reconhecimento do valor ou necessidade de existência do movimento LGBT, rejeição da noção de que existem qualidades positivas unicamente associadas a pessoas LGBT, pouca flexibilidade no que respeita a papéis sexuais e de género promotores de heteronormatividade) e que as correlações destes fatores com o heterossexismo tradicional sugerem que tais fatores são indicadores subtis na predição de atitudes pró/anti-gay (Costa, Oliveira, Pereira & Nogueira, 2010), optámos por avaliar o heterossexismo moderno através da sub-escala do heterossexismo moderno da Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a Gays (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012).

3) Questionário de caracterização sociodemográfica

As variáveis de caracterização sociodemográfica dos/as participantes, incluídas na primeira parte do questionário foram: idade, sexo, orientação sexual, nível de ensino lecionado, habilitações literárias, área científica/grupo disciplinar lecionado, posição religiosa e posição política/ideológica, que foram incluídos para averiguar se existe alguma associação entre a religiosidade e a posição política e a expressão de preconceitos relativamente a pessoas LGBT, tal como apresentado em algumas investigações (Davies, 2003).

Embora os questionários tenham sido apresentados aos/às participantes sob a mesma designação, foram analisados de forma independente. Em relação ao Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009), embora o mesmo já tivesse sido alvo de adaptação para a população portuguesa (Costa, Oliveira, Pereira & Nogueira, 2010), foram realizadas várias Análises Fatoriais Exploratórias (AFE) por razões relacionadas com a especificidade da amostra utilizada no presente estudo que a distinguem da amostra utilizada na adaptação portuguesa, nomeadamente, a proveniência geográfica (que se encontra sub-representada no estudo português), as habilitações literárias, a categoria profissional e a média de idades. De modo a respeitar o questionário original (Massey, 2009) e a adaptação portuguesa (Costa et al., 2010), forçámos a AFE a sete fatores. No entanto dois fatores eram compostos por um único item o que nos levou a forçar a AFE a cinco fatores. Seis itens foram excluídos por saturarem em mais do que um fator. A solução fatorial com cinco fatores foi explicativa de 56.75% da variância encontrada.

RESULTADOS

O teste de validade da AFE através dos testes Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e de esfericidade de Bartlett mostrou que a mesma é válida e adequada (Teste de Esfericidade de Bartlett: χ^2

= 6787,90, $p < ,001$; KMO = ,824), demonstrando que as variáveis estão correlacionadas e que existe homogeneidade nas mesmas. Assim este estudo confirma a multidimensionalidade do preconceito, embora de forma mais matizada (mas, ainda assim, de acordo com os pressupostos teóricos subjacentes a este questionário).

De acordo com a AFE realizada neste estudo, o primeiro fator (explicativo de 24.58% da variância) agrupa os itens que transmitem preconceito e aversão, sendo por isso designado de Heterossexismo Aversivo. O segundo fator (explicativo de 18.46% da variância) agrupa itens que refletem apoio e suporte em relação a gays e lésbicas, tendo sido designado Encorajamento da Visibilidade. O terceiro fator (explicativo de 5.64% da variância) agrupa os itens que traduzem ideias positivas estereotipadas em relação a pessoas gays e lésbicas, sendo denominado como Crenças Positivas. O quarto fator (explicativo de 4.85% da variância) é relativo aos itens que traduzem a necessidade de resistir ao conformismo com papéis de gênero rígidos e estereotipados, pelo que foi designado Resistência à heteronormatividade. O quinto fator (explicativo de 3.21% da variância) engloba itens relativos à negação da discriminação a que estão sujeitas pessoas gays e lésbicas, pelo que foi nomeado Negação da Discriminação.

As médias dos resultados nas diferentes dimensões foram as seguintes: para a dimensão heterossexismo aversivo, média de 2.34 (DP = ,95); para a dimensão Encorajamento da Visibilidade, média de 3.76 (DP = ,84); para a dimensão Crenças Positivas, média de 2.57 (DP = ,85); para a dimensão Resistência à Heteronormatividade, média de 2.40 (DP = 1,01); para a dimensão negação da contínua discriminação, média de 2.69 (DP = ,95). Relativamente à dimensão do heterossexismo moderno, foi encontrada uma média de 3.48 (DP = ,98).

De modo a testar as diferenças entre os sexos nos resultados obtidos nas diversas dimensões do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009) e na sub-escala do Heterossexismo Moderno (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012), utilizou-se o teste *t*-Student. As diferenças encontradas mostram que existem diferenças estatisticamente significativas nas médias na dimensão heterossexismo aversivo ($t_{(195)} = 4.02$, $p < .001$) sendo que os homens apresentam médias mais elevadas que as mulheres (respetivamente, 2.78 e 2.19). Foram também encontradas diferenças significativas na dimensão Encorajamento da Visibilidade ($t_{(195)} = -2.42$, $p = .017$), em que as mulheres apresentam uma média mais elevada que os homens (respetivamente, 3.85 e 3.52). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos nas outras dimensões avaliadas pelo questionário. Também em relação à sub-escala do Heterossexismo Moderno (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012), foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas médias em função do sexo ($t_{(195)} = 4.21$, $p < .001$), sendo que os homens apresentam uma média mais elevada do que as mulheres (3.97 e 3.33, respetivamente).

Em função das idades dos/as participantes e tal como é possível observar no quadro 1, existem também diferenças significativas nas médias nas dimensões Crenças Positivas ($F_{(203)} = 5.20$; $p = .006$) e Resistência à Heteronormatividade ($F_{(203)} = 3.39$; $p = .036$). No que se refere às Crenças Positivas, são as pessoas com 46 ou mais anos que apresentam uma média mais elevada (2.81) e as pessoas até 39 anos apresentam a média mais baixa (2.40). Em relação à Resistência à Heteronormatividade, as pessoas com mais de 46 anos que apresentam média mais elevada (2.63), e os restantes grupos etários apresentam médias mais baixas (para ambos os grupos, média de 2.23). Na dimensão crenças positivas, o teste HSD de Tukey permitiu verificar que as pessoas com 46 e mais anos diferem significativamente das pessoas que têm até 39 anos ($p = .011$) e das pessoas entre os 40 e os 45 anos ($p = .034$).

Também foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em função das idades dos participantes, relativamente à dimensão do Heterossexismo Moderno ($F_{(203)} = 3.33$; $p = .038$), sendo que as pessoas até 39 anos apresentam a média mais baixa (3.34) e as pessoas de 40 a 45 anos apresentam a média mais elevada (3.76). As diferenças entre estes dois grupos etários foram também encontradas no teste HSD de Tukey ($p = .039$) que demonstra que os mesmos diferem significativamente.

Quadro 1: Média e Desvio-Padrão das diferentes dimensões do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009) em função da idade (ANOVA oneway)

Dimensões	Idades	N	Média	DP	F	p
Heterossexismo Aversivo	≤ 39	71	2.27	.96	.32	.725
	40-45	55	2.38	.95		
	≥ 46	78	2.38	.95		
Encorajamento da Visibilidade	≤ 39	71	3.73	.91	.15	.857
	40-45	55	3.75	.84		
	≥ 46	78	3.81	.79		
Crenças Positivas	≤ 39	71	2.40	.84	5.20	.006
	40-45	55	2.44	.75		
	≥ 46	78	2.81	.89		
Resistência à Heteronormatividade	≤ 39	71	2.26	1.07	3.39	.036
	40-45	55	2.26	.84		
	≥ 46	78	2.63	1.03		
Negação da discriminação contínua	≤ 39	71	2.73	.93	1.96	.143
	40-45	55	2.47	.80		
	≥ 46	78	2.79	1.05		

Quadro 2: Média e Desvio-Padrão das diferentes dimensões do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009) em função da posição política/ideológica (ANOVA oneway)

Dimensões	Posição Política/Ideológica	N	Média	DP	F	p
Heterossexismo Aversivo	Esquerda	46	2.09	.90	4.34	.014
	Centro	105	2.38	.93		
	Direita	25	2.77	1.09		
Encorajamento da Visibilidade	Esquerda	46	3.88	1.05	4.62	.011
	Centro	105	3.85	.69		
	Direita	25	3.32	.88		
Crenças Positivas	Esquerda	46	2.47	.95	.54	.583
	Centro	105	2.63	.87		
	Direita	25	2.53	.86		
Resistência à Heteronormatividade	Esquerda	46	2.22	1.03	1.65	.196
	Centro	105	2.54	1.04		
	Direita	25	2.38	.96		
Negação da discriminação contínua	Esquerda	46	2.59	1.01	.23	.799
	Centro	105	2.68	.96		
	Direita	25	2.74	.86		

Relativamente à posição política dos/as participantes, e tal como constatável no quadro 2, existem diferenças significativas nas médias destes nas dimensões Heterossexismo Aversivo ($F_{(175)} = 4.34$; $p = .014$) e Encorajamento da Visibilidade ($F_{(175)} = 4.62$; $p = .011$). Relativamente ao Heterossexismo Aversivo, são as pessoas com uma posição política/ideológica de Direita

que apresentam uma média mais elevada (2.77) e as pessoas com uma posição política/ideológica de Esquerda as que apresentam a média mais baixa (2.09). Em relação ao Encorajamento da Visibilidade, são as pessoas de Direita que apresentam média mais baixa (3.32), e as pessoas de Esquerda as que apresentam média mais elevada (3.88). O teste HSD de Tukey permitiu verificar que na dimensão Heterossexismo Aversivo as pessoas de Esquerda diferem significativamente das pessoas de Direita ($p = .011$). Na dimensão Encorajamento da Visibilidade, as pessoas de Direita diferem significativamente das pessoas de Centro ($p = .018$) e de Esquerda ($p = .012$).

Também em relação ao Heterossexismo Moderno, existem diferenças estatisticamente significativas nas médias em função da orientação política/ideológica ($F_{(175)} = 5.62$; $p = .004$), sendo que as pessoas de Direita as que apresentam uma média mais elevada nesta dimensão (4.05) e as pessoas de Esquerda, as que apresentam uma média mais baixa (3.27). O teste HSD de Tukey permitiu verificar que as pessoas de Direita diferem significativamente das pessoas de Esquerda ($p = .003$) e das pessoas com uma posição de Centro ($p = .017$).

Quadro 3: Média e Desvio-Padrão das diferentes dimensões do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009) em função da posição religiosa (ANOVA oneway)

Dimensões	Posição Religiosa	N	Média	DP	F	p
Heterossexismo Aversivo	Pouco/nada religioso/a	57	2.08	.90	4.55	.012
	Moderadamente Religioso/a	101	2.40	.94		
	Muito religioso/a	35	2.67	.99		
Encorajamento da Visibilidade	Pouco/nada religioso/a	57	3.95	.87	1.95	.145
	Moderadamente Religioso/a	101	3.73	.83		
	Muito religioso/a	35	3.61	.81		
Crenças Positivas	Pouco/nada religioso/a	57	2.52	.85	.098	.907
	Moderadamente Religioso/a	101	2.59	.88		
	Muito religioso/a	35	2.57	.84		
Resistência à Heteronormatividade	Pouco/nada religioso/a	57	2.46	1.00	.37	.688
	Moderadamente Religioso/a	101	2.34	1.00		
	Muito religioso/a	35	2.48	1.12		
Negação da discriminação contínua	Pouco/nada religioso/a	57	2.54	.91	2.93	.056
	Moderadamente Religioso/a	101	2.61	.97		
	Muito religioso/a	35	3.00	.84		

Relativamente à posição religiosa dos/as participantes, e como podemos observar no quadro 3, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nas dimensões Heterossexismo Aversivo ($F_{(192)} = 4.55$; $p = .012$), sendo que as pessoas muito religiosas apresentam a média mais elevada (2.67) e as pessoas pouco ou nada religiosas

apresentam a média mais baixa (2.08). As diferenças entre estes dois grupos foram também encontradas no teste HSD de Tukey ($p = .010$).

Na dimensão Heterossexismo Moderno, foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($F_{(192)} = 5.71$; $p = .004$), sendo que as pessoas muito religiosas apresentam a média mais elevada (3.96) e as pessoas pouco ou nada religiosas apresentam a média mais baixa (3.26). O teste HSD de Tukey permitiu verificar que pessoas muito religiosas distinguem-se das pessoas pouco ou nada religiosas ($p = .003$) e das pessoas moderadamente religiosas ($p = .041$).

CONCLUSÕES

Tal como na versão original (Massey, 2009) e na adaptação portuguesa (Costa et al., 2010), neste estudo salientou-se a multidimensionalidade do preconceito sexual. Tal como verificado na literatura e na investigação (Poeschl, Venâncio & Costa, 2012; Sue, 2010), os/as participantes revelam níveis mais elevados de preconceitos subtis (por vezes designados modernos), em relação a gays e lésbicas do que preconceitos aversivos ou abertamente hostis. Assim, a expressão de preconceitos dos/as participantes encontra-se relacionada sobretudo com a oposição a mudanças políticas e sociais que desafiam princípios heterossexistas, e que têm como objetivo a promoção da igualdade no acesso a direitos e instituições independentemente da orientação sexual. Apesar dos/as participantes não manifestarem atitudes abertamente hostis em relação a pessoas não heterossexuais, revelam baixas atitudes de suporte, apoio e encorajamento à visibilidade e participação social ativa de pessoas gays e lésbicas, bem como pouco reconhecimento pelo facto destes/as de forma constante situações e contextos de adversidade heterossexista.

Do mesmo modo, os/as participantes, independentemente do sexo, idade, e posicionamentos políticos e religiosos, revelam pouca consciência/perceção dos preconceitos, da discriminação e da limitação social de oportunidades a que estão sujeitas pessoas não heterossexuais, não reconhecendo as suas reivindicações igualitárias.

Saliente-se também que, de forma geral, os/as participantes revelam crenças tradicionais, binárias e heteronormativas acerca dos constructos sexo e género e respetivos papéis que lhes estão associados, não revelando consciência nem preocupação acerca dos privilégios atribuídos a pessoas heterossexuais numa sociedade heterossexista (Costa et al., 2010).

Analisando a influência de algumas variáveis na expressão de preconceitos em relação a lésbicas e gays, verificam-se diferenças significativas entre os sexos na expressão de preconceitos, sendo que os homens apresentam atitudes mais aversivas em relação a pessoas não heterossexuais e encorajam menos a sua visibilidade, o que corrobora os resultados de outras investigações que indicam que as mulheres são mais tolerantes em relação à homossexualidade do que os homens (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012; Lipkin, 2004; Mason, 2002).

Existem também diferenças significativas entre grupos etários na expressão de preconceitos, sendo as pessoas mais velhas apresentam mais estereótipos (ainda que positivos) sobre gays e lésbicas e maior adesão a crenças relacionadas com o heterossexismo moderno, tal como encontrado noutras investigações (Davies, 2003). Por outro lado, e contrariando alguns pressupostos, são as que revelam ideias menos rígidas acerca dos sexos e papéis de género que lhes estão associados, bem como uma maior consciência e desconforto em relação a privilégios heterossexistas.

O posicionamento político/ideológico parece estar relacionado com a expressão de preconceitos em relação a pessoas não heterossexuais, sendo que ideologias políticas mais conservadoras se encontram relacionadas com maior expressão de preconceitos (Wilkinson, 2004). Assim, as pessoas com ideologias políticas de Direita apresentaram mais atitudes aversivas e hostis em relação a gays e lésbicas e também maior adesão a crenças de

heterossexismo moderno. São também aqueles/as que menos apoiam a visibilidade e os movimentos sociais e de reivindicação de pessoas não heterossexuais.

Da mesma forma, a expressão de preconceitos parece ser influenciada pela religiosidade dos/as participantes, sendo que as pessoas mais religiosas revelam mais atitudes aversivas relativamente a gays e lésbicas e também mais crenças caracterizadas pelo heterossexismo moderno,

Para a desconstrução de linhas de pensamento teórico que perpetuam o modelo de exclusão (Moita, 2006) é fulcral a identificação dos preconceitos de professores/as responsáveis pela educação de crianças e jovens em fase crucial de desenvolvimento de ideias e valores. Os preconceitos de professores/as traduzem-se na dificuldade e resistência da Escola na abordagem de temáticas LGBT quer seja em discursos informais quer seja em currículos escolares. Esta "lacuna" facilita que os percursos escolares e sociais de muitos jovens LGBT continuem a ser marcados pela estigmatização, pelo isolamento e pela discriminação, sem que o pessoal docente e/ou não docente esteja preparado para lidar com estas questões (Elze, 2006; Morrow, 2006). Desta forma, é urgente preparar professores/as para a educação de jovens acerca das diversidades sexuais de forma a diminuir o preconceito, os estereótipos e os pensamentos bipolarizados em torno da heterossexualidade e da homossexualidade, permitindo que os jovens desenvolvam consciência acerca das minorias e das dificuldades e desafios que enfrentam no enquadramento e inserção numa determinada sociedade maioritária (Davies, 2003).

Apesar das limitações metodológicas deste estudo, que se encontram sobretudo relacionadas com a representatividade da amostra, o mesmo concretiza os seus objetivos de compreensão e análise da expressão de preconceitos de professores/as em relação a pessoas gays e lésbicas. Tendo em conta os constrangimentos da utilização de escalas para medir o preconceito, estudos futuros poderão explorar o modo como as pessoas manifestam o preconceito, ou seja, como é produzido e reproduzido o preconceito nos discursos e nas interações sociais e através de artefactos culturais, identificando formas subtis de preconceito. Por outro lado, e de modo a alcançar mudanças sociais positivas é também necessário investigar acerca da intervenção no preconceito, ou seja, na modificação de crenças, atitudes e comportamentos discriminatórios (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010) que não sendo necessariamente explícitos, hostis e intencionais, impõem a invisibilidade como condição para a aceitação social de gays e lésbicas e afetam significativamente o seu bem-estar, a sua autoestima e as suas condições de vida (Herek, 2007).

Estudos futuros poderão abordar estas mesmas questões, recorrendo a amostras mais amplas e estendendo a investigação a professores/as do primeiro ciclo do ensino básico, do ensino profissional, do ensino superior e do ensino privado.

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

Madalena Melo, Departamento de Psicologia, Universidade de Évora, mmm@uevora.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ahmad, S.; Bhugra, D. (2010). Homophobia: an updated review of the literature. *Sexual and relationship therapy*, 25 (4), 447-455.
- António, R.; Pinto, T.; Pereira, C.; Farcas, D.; Moleiro, C. (2012). *Bullying homofóbico no contexto escolar em Portugal*. *Psicologia*, 26 (1), 17-32.
- Clarke, E.; Ellis, S.; Peel, E.; Riggs, D. (2010). *Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Queer Psychology: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Costa, C.; Pereira, M.; Oliveira, J.; Nogueira, C. (2010). *Imagens sociais das pessoas LGBT*. In Nogueira, C.; Oliveira, J. (org). Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Davies, D. (2003). *Working with people coming out*. In Neal, C.; Davies, D. (eds). *Pink Therapy: a guide for counselors and therapists working with lesbian, gay and bisexual clients*. Maidenhead: Open University Press.
- Elze, D. (2006). *Opression, prejudice and discrimination*. In . In Morrow, D.; Messinger, L. (eds.). *Sexual orientation & gender expression in social work practice: working with gay, lesbian, bisexual and transgender people*. New York: Columbia University Press.
- Fish, J. (2006). *Heterosexism in health and social care*. New York: Palgrave Macmillan.
- Gato, J.; Fontaine, A. M.; Carneiro, N. S. (2012). Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a Gays: construção e validação preliminar. *Paidéia*. 22: 11-20.
- Hargaden, H.; Llewellyn, S. (2003). *Lesbian and Gay parenting issues*. In Neal, C.; Davies, D. (eds). *Pink Therapy: a guide for counselors and therapists working with lesbian, gay and bisexual clients*. Maidenhead: Open University Press.
- Herek, G. (2007). Confronting sexual stigma and prejudice: theory and practice. *Journal of Social Issues*, 63 (4), 905-925.
- Herek, G. (2009). *Sexual Stigma and Sexual Prejudice in the United States: a conceptual framework*. In Hope, D. (eds). *Contemporary perspectives on lesbian, gay and bisexual identities*. New York: Springer.
- Herek, G.; Chopp, R.; Strohl, D. (2006). *Sexual Stigma: Putting sexual minority health issues in context*. In Meyer, I.; Northridge, M. (eds). *The Health of Sexual Minorities: public health perspectives on Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender populations*. New York: Springer.
- Jones, B.; Hill, M. (2002) (eds.). *Mental health issues in lesbian, gay, bisexual and transgender communities*. Washington: American Psychiatric Publishing.
- Lipkin, A. (2004). *Beyond diversity day: a Q&A on gay and lesbian issues in schools*. Lanham: Rowan & Littlefield Publishers, INC.
- Marinucci, M. (2010). *Feminism is Queer: the intimate connection between queer and feminist theory*. London: Zed Books.
- Mason, G. (2002). *The spectacle of violence: homophobia, gender and knowledge*. London: Routledge.
- Massey, S. (2009). Polymorphous Prejudice: liberating the measurement of heterosexual's attitudes toward lesbians and gay men. *Journal of Homosexuality*, 56, 147-172.
- McGhee, D. (2001). *Homosexuality, Law and Resistance*. London: Routledge.
- Moita, G. (2006). A patologização da diversidade sexual: a homofobia no discurso dos clínicos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 76, 53-72.
- Morrow, D. (2006). *Sexual orientation and gender identity expression*. In Morrow, D.; Messinger, L. (eds.). *Sexual orientation & gender expression in social work practice: working with gay, lesbian, bisexual and transgender people*. New York: Columbia University Press.
- Oliveira, J. (2010). *Orientação sexual e identidade de gênero na Psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer*. In Nogueira, C.; Oliveira, J. (org). Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Perrin, E. (2002). *Sexual orientation in child and adolescent health care*. New York: Kluwer Academic Publishers.
- Poeschl, G.; Venâncio, J.; Costa, D. (2012). Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito homossexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. *Psicologia*, 26 (1), 33-53.
- Ritter, K.; Terndrup, A. (2002). *Handbook of affirmative psychotherapy with lesbians and gay men*. New York: The Guilford Press.

- Rivers, I. (2000). *Long-term consequences of bullying*. In Neal, C.; Davies, D. (Eds.). *Issues in therapy with lesbian, gay, bisexual and transgender clients*. Buckingham: Open University Press.
- Rivers, I.; D'Augelli, A. (2001). *The victimization of Lesbian, Gay and Bisexual Youths*. In D'Augelli, A.; Patterson, C. (Eds.). *Lesbian, gay and bisexual Identities and Youth: Psychological Perspectives*. New York: Oxford University Press.
- Russel, J.; Bohan, G. (1999). *Implications for clinical work*. In Russel, J; Bohan, G. (eds). *Conversations about Psychology and Sexual Orientation*. New York: New York University Press.
- Ryan, C. (2001). *Counseling Lesbian, Gay and Bisexual Youths*. In Augelli, A.; Patterson, C. (eds.) *Lesbian, gay and bisexual identities and youth: psychological perpspectives*: New York: Oxford University Press.
- Rotheram-Borus, M.; Langabeer, K. (2001). *Developmental trajectories of gay, lesbian and bisexual youths*. In Augelli, A.; Patterson, C. (eds.) *Lesbian, gay and bisexual identities and youth: psychological perpspectives*: New York: Oxford University Press.
- Sue, D. (2010). *Microagressions in Everyday Life: race, gender and sexual orientation*. New Jersey: Wiley.
- Whitley, B.; Kite, M. (2010). *The psychology of prejudice and discrimination*. Belmont: Wadsworth.
- Wilkinson, W. (2004). Religiosity, authoritarianism and homophobia: a multidimensional approach. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 14 (1), 55-67.
- Zack, J. (2010). "I didn't know what to say...": Four Archetypal Responses to Homophobic Rhetoric in the Classroom. *High School Journal*, 93 (3), 98-110.